

Colônia Italiana e Educação

*Lorraine Slomp Giron**

Resumo

A antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul foi povoada por imigrantes italianos a partir de 1875. O ensino nos primeiros tempos da colonização foi realizado por professores italianos. Com o aumento do número de escolas públicas após a proclamação da República as "escolas italianas" tendem a desaparecer. O ensino nas escolas públicas e nas congregações religiosas estimulou a aculturação. O advento do fascismo na Itália fez com que fosse tentada a aproximação dos imigrantes com o regime fascista. A educação foi um dos meios escolhidos para conseguir a adesão dos imigrantes ao Estado Fascista.

Palavras-chave: Imigração italiana, fascismo, educação

Abstract

Starting in 1875, the old italian colonial region of the Rio Grande do Sul was settled by Italians Immigrants. In the beginning teaching was accomplished by Italian teachers. With the increase of public schools after the Republic, the tendency was so called Italian schools to disappear. Teaching in public and congregational schools fostered acculturation. The advent of fascism in Italy forced immigrants to get closer to the Fascist regime. Education was one of the means chosen to making immigrants adhere to the Fascist State.

Key words: Italian immigration, fascism, education.

* Professora da Universidade de Caxias do Sul
Doutora em Ciências Sociais PUCSP

Colônia Italiana e Educação

*Loraine Slomp Giron**

Resumo

A antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul foi povoada por imigrantes italianos a partir de 1875. O ensino nos primeiros tempos da colonização foi realizado por professores italianos. Com o aumento do número de escolas públicas após a proclamação da República as "escolas italianas" tendem a desaparecer. O ensino nas escolas públicas e nas congregações religiosas estimulou a aculturação. O advento do fascismo na Itália fez com que fosse tentada a aproximação dos imigrantes com o regime fascista. A educação foi um dos meios escolhidos para conseguir a adesão dos imigrantes ao Estado Fascista.

Palavras-chave: Imigração italiana, fascismo, educação

Abstract

Starting in 1875, the old Italian colonial region of the Rio Grande do Sul was settled by Italian Immigrants. In the beginning teaching was accomplished by Italian teachers. With the increase of public schools after the Republic, the tendency was so called Italian schools to disappear. Teaching in public and congregational schools fostered acculturation. The advent of fascism in Italy forced immigrants to get closer to the Fascist regime. Education was one of the means chosen to making immigrants adhere to the Fascist State.

Key words: Italian immigration , fascism , education .

* Professora da Universidade de Caxias do Sul
Doutora em Ciências Sociais PUCSP

“O fascismo, na verdade, já fazia parte do cotidiano dos italianos”

Norberto Bobbio

Uma situação delicada

Borges de Medeiros, presidente do estado em 1926 em Mensagem ¹ à Assembléia revela a situação do Rio Grande do Sul através de números. Segundo os dados apresentados a população é de 2.226 mil habitantes, dos quais 924 mil são estrangeiros, ou seja 41,5% do total da população é de origem européia. A área das colônias abrangem 37 mil quilômetros quadrados e as de terras devolutas do Estado ainda não colonizadas são de apenas 2 mil quilômetros quadrados. Nas regiões coloniais a população de origem lusa de 120 mil habitantes corresponde a pouco mais de 13% do total da população estrangeira.

Em 1915 começa certa proteção por parte do governo sulino ao colono brasileiro também ele pobre e despossuído de terras. Desta forma se encerra o período de intensa colonização das terras gaúchas que teve início em 1824 com a criação de São Leopoldo e seu fim com a fundação da colônia de Guarita em 1917. A entrada maciça de estrangeiros preocupou os intelectuais e a oligarquia do Rio Grande do Sul. Os colonos estrangeiros agricultores eram pobres e sem terra. Traziam linguajar e costumes estranhos aos nacionais. O grande número de imigrantes demonstrava que era a hora de terminar com a venda indiscriminada de terras para os europeus pobres. Era a hora dos brasileiros pobres. Para eles sobrara pouca terra e nenhum dos recursos orçados para a colonização. O perigo da adulteração da cultura sul rio-grandense porém já estava presente

A região colonial

Foram mais de 170 as colônias oficiais e particulares criadas pelo poder público e privado no período compreendido entre 1822 e 1914². no Rio Grande do Sul, se o número de colônias é o mais elevado do Brasil, o mesmo não ocorreu em relação aos imigrantes entrados na Província meridional. Do total de imigrantes italianos chegados no Brasil apenas cerca de 16 % fixaram-se naquela região.³

¹ Mensagem do presidente Borges de Medeiros para a Assembléia do RGS.1916

² GIRON, Loraine Slomp, BERGAMASCHI, Heloísa. Colônia: um conceito controverso. Caxias do SUL: EDUCS, 1970.

³ VIOTTI, Emília da Costa. Da Senzala à Colônia.. Rio de Janeiro, Grijalbo, 1977. p. 69

Foram trinta e sete as colônias oficiais do Rio Grande do Sul povoadas por imigrantes italianos e de outras origens. As chamadas antigas colônias Caxias, Dona Isabel, Conde D'Eu e Silveira Martins criadas entre 1875 e 1877 tem a maioria absoluta da população composta por italianos.

Para o espaço colonial gaúcho vieram milhares de imigrantes. No período compreendido entre 1875 e 1914, entraram cerca de 100⁴ mil imigrantes de várias origens, sendo que mais de 50% do total é constituído por italianos. Cerca de 70% do total de colonos entraram entre os anos de 1875 e 1894. O ano que o Estado recebeu mais colonos foi o de 1891, quando chegaram mais de nove mil colonos.

O recorte espacial do presente trabalho corresponde ao das colônias: Caxias, Dona Isabel, Conde D'Eu. Em 1890 tornam-se municípios autônomos. Vários municípios surgem das antigas colônias como os de Caxias, Flores da Cunha, Farroupilha, Bento Gonçalves, Garibaldi entre outros. A região colonial italiana em 1922 fazia parte da 2ª Região Policial do Estado.

A educação

No final do século XIX, a situação da educação no Brasil era precária. A Província do Rio Grande do Sul não representa uma exceção no contexto educacional nacional. Em 1880 o presidente da Província Henrique D'Ávila, em mensagem enviada à Assembléia, sintetiza as condições regionais.

As rendas provinciais não comportam despesas necessárias para dotarmos a Província de uma organização de instrução pública conveniente (...) O Estado monopolizou a instrução superior e não lhe deu desenvolvimento nenhum. Ele descentralizou o serviço inferior e deixou todas as suas despesas a cargo das províncias, não obstante saber que estas, com a renda que tem, nenhum impulso lhe dariam⁵.

Sem verbas suficientes para aplicar no ensino primário, sem condições para a formação de professores, o governo provincial deixa à iniciativa privada a solução do problema da educação. As poucas escolas existentes não são freqüentadas pela grande maioria da população. O ensino era elitista e discriminatório. Segundo a Lei nº 14 de 22 de dezembro de

⁴ Enciclopédia Riograndense. org. BECKER, Klaus. *Porto Alegre, Sulina*. 1968, p. 140.

⁵ PRADO, Aurea. *A formação do professor primário no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1964. p. 237

1837 estavam proibidos de freqüentar a escola, tanto negros quanto mulatos, mesmo que fossem libertos.⁶

As escolas situavam-se nos municípios mais antigos da Província nos quais seu número era insuficiente, obrigando a burguesia a enviar seus filhos para a capital ou para outras províncias para realizar seus estudos.

Na região colonial italiana a situação não era diferente, não havia verbas para a criação de escolas públicas e poucos recursos humanos para a criação de escolas particulares.

Com a proclamação da República, o Estado passa a preocupar-se com o ensino público, no Rio Grande do Sul. O ensino é marcado por forte influência positivista. O sistema estadual de ensino vai propor a criação de dois tipos de escola: a elementar e a distrital. *A primeira traz o programa comum da escola primária; a segunda a situar-se em centros de mais elevado índice demográfico, comporta maior extensão voltando-se para o ensino prático dirigido para os interesses da agricultura e da indústria e comércio*⁷

As escolas italianas

Segundo levantamento realizado nos Mapas Estatísticos da Colônia Caxias, verificou-se que a maioria dos imigrantes informaram que sabia ler e escrever. Segundo os dados levantados, 63% dos imigrantes do sexo masculino sabiam ler, enquanto apenas 37% das mulheres eram alfabetizadas.⁸

Entre os imigrantes havia professores com formação em sua terra de origem, seu número era insuficiente para suprir a carência de escolas na região. Entre os imigrantes da Colônia Caxias, apenas quatro se identificaram como professores, sendo os responsáveis pelas primeiras escolas particulares regionais. Foram eles Giácomo Paternoster, Abramo Pezzi, Clemente Fonini e Marcos Martini.

Das antigas escolas particulares poucos dados restam. Através de depoimentos foi possível concluir que poucos filhos de imigrantes aprendiam a “ler e a contar” nas pequenas escolas na zona rural ou junto a outros colonos que se dispunham a ensinar as primeiras letras aos filhos dos vizinhos. A forma que os imigrantes encontraram para resolver o problema do ensino nos primeiros tempos da colonização, não impediu o aumento do analfabetismo entre os filhos dos imigrantes.

⁶ Idem p.240

⁷ PRADO, Aurea. A formação do professor primário no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1964. p.244

⁸ GIRON, Lorraine Slomp. Caxias do Sul: evolução histórica. Caxias do Sul: EDUCS/EST, 1977. p.89.

As pequenas escolas de professores italianos eram privadas, sendo que a mensalidade paga por aluno era muito baixa (um mil réis por mês em 1884), o que levou muitos mestres a deixarem o magistério. "*Na verdade a situação destes professores é desesperadora (...) conseguem apenas sobreviver*", observa Perrod em 1884⁹. Os cônsules até 1894 procuraram subsídios para o funcionamento destas "escolas italianas", com a remessa de livros didáticos e outros materiais para o ensino. O subsídio do governo italiano não previa o pagamento dos professores, que deveriam contar apenas com as mensalidades dos alunos.

Em 1884, na colônia Dona Isabel havia *sete escolas públicas das quais duas na sede, uma masculina e outra feminina, e cinco nas linhas*. Segundo Greppi, *as escolas públicas eram pouco frequentadas, principalmente as da sede*.¹⁰

O papel da "escola italiana" foi importante na manutenção da língua e do culto da Itália como a pátria dos filhos dos imigrantes. A importância do professor como elemento de ligação entre os imigrantes e a cultura e língua italianas foi reconhecida pelo governo da Itália, que no final do século XIX designou o professor-agente, com o objetivo de fazer a ligação entre os imigrantes e as autoridades consulares italianas¹¹

O ensino público estadual estava presente na região, porém, na visão dos cônsules era preterido pelo ensino das chamadas "escolas italianas". Vários são os cônsules que revelaram a preferência dos colonos pelo ensino feito em italiano. Como observa Perrod: *Em Dona Isabel há uma escola pública, onde leciona uma senhora, mas a maior parte dos pais retiram dela seus filhos, e os enviam para a de um professor italiano*.¹² No ano de 1884, esta parecia ser a situação geral da região. Os professores italianos citados nos relatórios possuíam formação em cursos de magistério na Itália.

Com o incremento do ensino público, já no início do século XX, as pequenas "escolas italianas", que já não contavam com os subsídios do governo italiano, vão aos poucos desaparecendo, sendo raras as que conseguiram sobreviver. O ensino público municipal vai substituir as antigas escolas. Os professores italianos das pequenas escolas, também eles imigrantes, se enquadraram paulatinamente no sistema estadual de ensino. Em 1905, no município de Caxias, existiam apenas 4 "escolas italianas" na zona rural.

Em 1913 as "escolas italianas" da zona urbana constituíam apenas uma lembrança. Em Nova Trento (Flores da Cunha) em 1913 existiam

⁹ DE BONI, Luís Alberto. Bento Gonçalves era assim. EST/FERVI, 1985. p.34

¹⁰ DE BONI, Luís Alberto. Bento Gonçalves era assim. EST/FERVI, 1985. p.65

¹¹ Idem p.71

¹² Idem p.33

apenas escolas municipais e de irmãs francesas, não há mais escolas italianas.¹³ Em Ana Rech apenas na escola dos padres camaldolenses se ensina em italiano.¹⁴

Em Antônio Prado as irmãs de São José ensinavam os dois primeiros anos em italiano e os seguintes em português. segundo o visitante italiano Pesciolini.¹⁵ Havia ainda algumas escolinhas italianas com número insignificante de alunos. O maior centro educacional da colônia é Garibaldi onde há cerca de 1600 alunos matriculados nas escolas públicas e privadas do município.¹⁶

Na década de vinte as “escolas italianas” ainda sobrevive em alguns municípios da região colonial, porém em vias de extinção, sendo mal vistas pelo governo estadual e mal assistidas pelo governo italiano. Os subsídios de dez mil libras, provenientes do acordo Cerqueira -De Martino, destinado a reparar os danos aos italianos residentes no Brasil, causados pela Revolução de 1893¹⁷, foram insuficientes para resolver o problema.

Educação e religião

Deixados à iniciativa privada tanto o ensino secundário quanto o superior, pelo governo do Estado, *que pregava a abstenção de qualquer tipo de ideologia*¹⁸, o ensino passou a ser assumido pelas congregações religiosas que acorreram em grande número ao Rio Grande do Sul, acompanhando o fluxo da imigração.

Enquanto os seminários e noviciados procuravam futuros religiosos entre filhos de colonos italianos na zona rural, as congregações religiosas instalaram-se na zona urbana, servindo as camadas médias da população. Na primeira década do século XX, várias escolas religiosas foram fundadas na região. Mantidas pelas mensalidades dos alunos foram responsáveis pela formação de mão-de-obra capacitada para a nova realidade econômica do Brasil

No Brasil as licenças para a entrada de religiosos estrangeiros foram dadas em casos específicos e particulares, como o do ensino ou da catequese de indígenas. A “romanização” da igreja, no Brasil, visava moralizar a ação do clero, envolvido pelo positivismo e pelo naturalismo

¹³ Idem p.53

¹⁴ Idem p.54

¹⁵ Pesciolini,Ranieri Venerosi.Le colonie italiene nel Brasile Meridionale.Torino:Fratelli Bocca,1914 p.60

¹⁶ Idem p.64

¹⁷ Crocett p.403

¹⁸ De Boni p.246

vigentes no país, e numa *retratação do clero de sua atividade política e social para concentrá-la no catolicismo em sua função cultural*.¹⁹

A mudança da Igreja corresponde a uma modificação geral centrada na expansão da Revolução Burguesa, que tanto na Itália (Unificação e industrialização) como no Brasil (mudança da política de terras e de mão-de-obra) se fazia sentir. Tanto a imigração quanto a “modernização” da Igreja estão intimamente vinculadas às transformações do próprio sistema capitalista.

Com a proclamação da República foi dada maior abertura à entrada de religiosos, o número de religiosos que se fixaram no Rio Grande do Sul aumentou de forma significativa. Os conventos e seminários passaram a receber grande quantidade de estudantes. Foi a região colonial italiana a que ofereceu aos seminários o maior número de seminaristas e de futuros sacerdotes.

Em nenhuma outra região houve maior poder da Igreja. Os religiosos dirigiam a cultura regional, através de suas escolas e seminários, determinavam a opinião pública através de seus periódicos e por muito tempo dirigem os destinos políticos da região colonial. A Igreja teve profunda influência na zona rural na questão da ascensão social através da cultura, o que possibilitava que os colonos que entrassem nos seminários o que representava uma melhoria significativa na sua educação.

As cifras irrisórias destinadas às “escolas italianas” e a concorrência das escolas religiosas impossibilitaram o desenvolvimento de instituições particulares destinadas a manter acesa a italianidade. Não foram criados ginásios “italianos”, nem qualquer tipo de escola secundária apenas uma escola complementar existia na região em 1937 e esta era estadual.

Escolas na região italiana - 1925

Município	Estaduais	Municipais	Particulares	Total
Caxias do Sul	13	77	16	106
Bento Gonçalves	4	30	3	37
Flores da Cunha	-	10	1	11
Garibaldi	17	41	2	59
Antônio Prado	3	-	5	8
Veranópolis	1	-	4	5
Total	38	158	31	225

Fonte: Álbum do cinquentenário da imigração italiana no RS.²⁰

¹⁹ DE Boni p.65

Os dados demonstram que havia na região grande número de escolas públicas, na realidade a maioria delas unidocentes, 100 % do total das escolas municipais e 95% do das estaduais. Até 1937 havia apenas uma escola complementar em funcionamento na região, localizada em Caxias do Sul, as demais escolas eram elementares só possuindo o ensino até a 5ª série primária.

A burguesia regional enviava os filhos para fazerem cursos complementares e técnicos nas escolas comerciais que funcionavam em Garibaldi ou na capital do Estado. A maioria da população não se preocupou em encaminhar os filhos à escola, e quando o fez foi por pouco tempo. Os alunos não permanecem na escola mais do que um ou dois anos. O trabalho desde a mais tenra idade substitui o ensino. As crianças aprendem a fazer as tarefas, fazendo-as. As empresas industriais treinam seus aprendizes e desta forma conseguem a mão-de-obra necessária ao trabalho industrial.

Os colonos italianos em relação a educação são pragmáticos. Para eles o *estudo* não tem outra valia a não ser a de conseguir emprego e a de propiciar melhores salários. Não se vislumbra na colônia italiana qualquer tipo de projeto educacional.

Escola e aculturação

No decorrer da segunda década século XX os colonos italianos estavam se aculturando de forma rápida. Pesciolini²¹ em visita a região em 1913 observa que havia diferenças significativas entre os habitantes da cidade de Caxias e os da zona rural. Os primeiros são mais aculturados que os segundos. Constatou ainda que o processo de aculturação se acelerou nos últimos 3 anos e atribui o fato a chegada dos trens a partir de 1910. Nesta data não havia "escolas italianas" em funcionamento na cidade.²²

As escolas constituíram -se em fatores de nacionalização. Os filhos dos italianos chegados à região nas décadas de 10 e 20 e 30 foram encaminhados ao sistema nacional de ensino, para escolas primárias municipais, estaduais ou particulares.

Muito antes das medidas repressivas do Estado Novo(1937-45) contra os estrangeiros, o ensino da região colonial italiana se nacionalizara.

As pequenas escolas rurais, onde ensinam professores italianos aos poucos foram desaparecendo. Os professores não são substituídos por outros já que não havia mais imigrantes letrados.

²⁰ CROCCETA, Benedetto. Vita coloniale. I datori di oro in: Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud. Porto Alegre: Globo, 1925 p. 406

²¹ Pesciolini, Ranieri Venerosi. Le colonie italiane nel Brasile Meridionale. Torino: Fratelli Bocca, 1914 p. 47

²² Pesciolini, Ranieri Venerosi. Le colonie italiane nel Brasile Meridionale. Torino: Fratelli Bocca, 1914 p. 47

Por outro lado as condições oferecidas pelo município e pelo Estado são melhores do que as das pequenas escolas unidocentes. Os professores italianos que tinham a formação necessária se integraram-se ao sistema nacional de ensino. Para lecionar nas escolas municipais e estaduais, era indispensável não só o conhecimento da língua “brasileira”, como a capacidade de ensinar naquele idioma.

Em meados da década de 20 era insignificante o número de "escolas italianas" “Vários foram os fatores que determinaram sua redução, entre outros podem ser destacados:

1º a campanha nacionalista anterior à Primeira Guerra, leva o Estado a suprir de escolas primárias a região colonial italiana;

2º a inexistência de recursos suficientes para manter as pequenas escolas, por parte do governo italiano, que envia apenas material didático, e verbas insuficientes para a manutenção da escola e do professor. O ensino público gratuito ao contrário das “escolas italianas” que deviam ser pagas pelos alunos;

3º a baixa qualidade do ensino nas escolas rurais, já que os professores habilitados na Itália tornaram-se cada vez mais raros. Testemunhos revelam que eram insuficientes as noções de aritmética, ocorrendo o mesmo em relação à língua portuguesa. Por outro lado, tanto a história como a geografia referiam-se a Itália, o que impedia o aproveitamento das disciplinas nas escolas de ensino municipal e estadual, já que os conteúdos programáticos eram diferentes;

4º a expansão do ensino público municipal e gratuito que vai absorvendo o alunado da zona rural ;

5º a criação das grandes escolas particulares de congregações religiosas, com ensino técnico de boa qualidade e que ofereciam o internato para os alunos. Sendo que algumas tinham ainda a vantagem de ensinar o português, além do italiano, seguindo os programas oficiais das escolas brasileiras

J. P. Coelho de Souza, Secretário de Educação do Estado durante o período de repressão do Estado Novo, informa que os colonos italianos *não procuraram formar quistos desnacionalizados, ou uma das famosas minorias raciais*. Os colonos compreenderam a importância do domínio da língua portuguesa para seus filhos e procuraram dar-lhes chance de serem bilíngües, muito tempo antes da repressão do Estado Novo. O que leva

Coelho de Souza a afirmar: *na colônia italiana o problema da nacionalização não existiu*.²³

No Rio Grande do Sul antes da Primeira Guerra (1914-18), houve toda uma política de nacionalização do ensino. No final do século XIX, já havia a orientação no sentido de tornar obrigatório o ensino da língua portuguesa

Contemporânea da tensão social circundante da guerra deflagrada de 1914 a 1918, vários documentos tem explicita esta preocupação. Em 1919 resolveu-se que o português seja obrigado em todas as escolas mesmo paroquiais, e que o ensino seja ministrado nessa mesma língua. Alcançam-se por esta forma as escolas particulares localizadas em núcleos de população estrangeira, em muitas das quais os trabalhos escolares se desenvolvem a através da língua pátria de origem.²⁴

A nacionalização do ensino foi pois anterior ao Estado Novo, mais do que isso: a escola tornou-se elemento de mediação entre filho do imigrante (muitas vezes imigrante também) e a nova pátria, tornando-o apto para comunicar-se em língua portuguesa. A expansão do ensino correspondeu à expansão da nacionalização dos pequenos italianos.

Imigração tutelada

Em levantamento realizado em 1950, entre os formandos dos cursos superiores existentes no Estado, o jornalista Luiz Compagnoni constatou que os elementos de origem italiana só começaram a frequentar cursos superiores após 1930. Em levantamento realizado por ele nas listagens de alunos das escolas superiores do Estado constatou apenas dezessete formandos destes cursos com sobrenomes italianos.²⁵ Segundo ele *até 1925, quando se falava em profissões intelectuais, ligados ao nome italiano, referia-se sempre ao italiano nascido na Itália, e nunca ao brasileiro descendente do italiano imigrante*.²⁶

A constatação de Compagnoni é fundamental para o entendimento da situação do ensino na região, que oferecia apenas o curso primário para os filhos de imigrantes *o mesmo, porém, não se pode dizer do ensino*

²³ Album Comemorativo 75º Aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1950, p. 247

²⁴ PRADO, Aurea. O ensino elementar no RS. in: Rio Grande: Terra e gente. Porto Alegre, Globo, 1964, p. 238

²⁵ COMPAGNONI, Luiz. O elemento de ascendência italiana e as profissões. in: Album comemorativo p. 469

²⁶ Idem p. 470

*secundário e superior, que devia ser feito fora da região*²⁷. Não havendo profissionais liberais na região, nem ao menos professores formados no Brasil, parece óbvio que as atividades necessárias à economia da região fossem realizadas pelos italianos, cuja formação fora realizada na Itália e que por vários motivos acompanharam a imigração, localizando-se nos centros urbanos das antigas colônias. Médicos, engenheiros, arquitetos, agrônomos, que trabalhavam na região eram todos italianos. Os “brasileiros” com formação superior acorreram à região como funcionários ligados à administração pública.

Quando na década de vinte começam chegar à região colonial italiana *imigrantes tutelados* não despertaram a atenção da comunidade. São elementos indispensáveis para o progresso e, como tal, foram bem recebidos e aceitos pela população. Os novos imigrantes tinham outra formação e outros planos do que os dos imigrantes que colonizaram a região. Os novos imigrantes tinham formação superior ou técnica e muitos eram ligados ao fascismo italiano. Chegaram não só com objetivos de melhoria de vida, mas também para propagar o novo regime italiano.

A professora Rosa Bovo que junto com seu marido e também professor Benvenuto Bovo chegou à região colonial italiana em 1929, declarou que eles dois eram um dos “poucos italianos credenciados” que vieram ao Brasil. As credenciais do novo grupo de imigrantes eram seus vínculos e ligações com o fascismo italiano. Rosa e Benvenuto Bovo pertenciam ao Partido Nacional Fascista Italiano como mais de uma centena de outros *imigrantes tutelados*.

Os *imigrantes tutelados* chegaram à região de forma isolada, provenientes de várias regiões da Itália, a maioria deles não se conhece. Provêm de várias segmentos sociais, tanto da pequena burguesia urbana, como de camponeses do Sul e Norte da Itália. O grupo é heterogêneo, tanto sob o ponto de vista social como regional. Tinham como ponto comum sua formação técnica e sua fidelidade ao fascismo.

Muitos dos novos imigrantes, ao contrário dos antigos, possuíam formação superior ou tinham formação técnica. Logo encontraram trabalho nas empresas da região colonial. Muitos dos fascistas italianos chegados tornaram-se funcionários públicos, como professores, técnicos vinícolas e enólogos, agrônomos e engenheiros. Do seu sucesso profissional na região dependia o êxito do movimento e da adesão da população aos ideais fascistas.

Através das atividades realizadas pelo grupo de italianos fascistas chegados a região foi possível depreender quais eram seus objetivos. A atuação no ensino, tanto de 1º grau quanto de língua e cultura italiana, a

²⁷ Idem 469

criação de meios de comunicação para propagar as vantagens fascistas, e trabalhos técnicos que estavam em sintonia com a regional em setores técnicos e estratégicos, revelam os propósitos do grupo.

Para atingir os objetivos propostos de divulgação do fascismo italiano e o de estabelecer laços econômicos e culturais com os antigos imigrantes êxito os "imigrantes tutelados" foram encaminhados para os setores mais carentes da região. Seguiram linhas muito claras: o ensino e os meios de comunicação, o trabalho técnico junto às comunidades rurais, o trabalho político junto à burguesia regional.

Nas três áreas a organização fascista atuou na região colonial: a propaganda do movimento, através da imprensa e da própria Igreja Católica, a propagação das idéias fascistas através do ensino e da educação dos filhos de imigrantes e a área técnica, estabelecendo seus técnicos junto ao movimento cooperativista e sindical, especialmente no setor vinícola.

O atraso fascista

O regime fascista italiano utilizou o ensino como meio de divulgação de suas idéias, não existindo mais a possibilidade de ampliar as "escolas italianas" na zona rural. As novas "escolas italianas" foram criadas na zona urbana, geralmente ligadas às sociedades italianas. Ao que tudo indica, a formação (ou inclinação política) dos professores não parecia adequada as necessidades do ensino regional. Testemunhos de alunos que freqüentaram as "novas escolas italianas", levam a concluir que mais do que o ensino da língua italiana, voltavam-se para o ensino da história, dos símbolos, dos cantos e da ideologia fascistas.

Os depoimentos de alunos são muitos.²⁸ Ibanez Lisboa tentou em 1934 freqüentar o curso de italiano e de cultura italiana na Escola da Sociedade Príncipe de Nápoles em Caxias. Após algumas aulas desistiu do curso, pois segundo ele, o professor agia como se estivesse na Itália e como se o regime vigente fosse o fascismo.

Lorita Zampieri, que freqüentou a escola primária em 1936, considerou-a muito "fraca", não apreendeu as noções mínimas de aritmética ou de ciências, enquanto aprendia a história e a geografia da Itália. Ao se transferir para uma escola "brasileira", teve gravíssimos problemas de aprendizagem.

O depoimento de Giovani Scavino, que chegou ao Brasil em 1936, aos seis anos de idade, juntamente com seu pai, foi ainda mais elucidativo. Tendo sido alfabetizado na Itália (Torino), não encontrou na cidade de

²⁸ GIRON, Loraine Slomp. As sombras do Littorio. O fascismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Parland, 1994 p.100 e seguintes.

Caxias uma escola italiana que pudesse frequentar e dar continuidade aos estudos. Para continuar o curso primário, foi obrigado a frequentar a escola dos padres “muraldinos”, situada em Ana Rech, onde através do estudo do latim conseguiu aprender com mais facilidade o português.

As escolas italianas que funcionavam na região colonial durante o período de 1922 a 1938 tinham mais caráter de extensão do que de ensino. Funcionavam como complementares da escola nacional. Foram organizadas apenas nas regiões urbanas .

A complementaridade está manifesto no depoimento de Gema Martinatto Calegari. Segundo a depoente, que estudava em 1935 na escola São José (de congregação francesa), frequentava também a escola italiana onde aprendeu cantos e fatos referentes a Itália, bem como uma educação para a disciplina, o que levou a declarar que “parecia mais um curso de férias”.

Entre as antigas “escolas italianas” e as novas escolas italianas existem diferenças fundamentais. As novas escolas não estavam ligadas à ação individual de professores particulares, mas vinculadas ao governo italiano, tendo assim um caráter oficial. As novas escolas localizavam-se apenas nos núcleos urbanos, enquanto as antigas dominavam a zona rural. Eram destinadas aos filhos de “italianos no exterior”, sendo poucos os filhos de “brasileiros” que tiveram acesso a elas. As novas escolas tinham capacidade para atender número reduzido de alunos, não possuíam como as antigas cursos secundários ou complementares.

As diferenças didáticas entre elas também eram profundas. Nas antigas escolas o professor unidocente procurava ensinar vários níveis para turmas de alunos que tinham adiantamentos diferentes. Os testemunhos não parecem perceber diferenças de ensino e de tratamento entre alunos de séries diversas. Nas novas escolas não só os conteúdos de ensino eram diferentes, a forma também diferia das anteriores. Eram ensinadas as noções de disciplina, hierarquia e de culto ao fascismo. Desta forma, a mensagem substitui o conteúdo, o que parece não ter acontecido nas antigas escolas.

Em relação aos conteúdos didáticos, cabem algumas considerações. Tanto nas antigas como nas novas escolas italianas, os conteúdos são inadequados a realidade brasileira. São estudadas as estações do ano da Itália, a história, a geografia e a língua italianas. Tudo se passa como se a Itália fosse o local onde viviam os pequenos imigrantes e os filhos de imigrantes.

Neste sentido tanto as antigas como as novas escolas constituíam elemento de ligação entre os imigrantes italianos e a Itália. A mediação, no entanto, não era completa, visto que atendiam poucos alunos e só alguns poucos alunos ficaram marcados pelo tipo de ensino que receberam. As

“escolas italianas” de certa forma foram responsáveis pela manutenção dos dialetos italianos e do sentimento de italianidade entre os imigrantes da zona colonial.

Há diferença profunda entre os livros didáticos enviados da Itália, para as escolas coloniais, antes e após o fascismo. Os textos didáticos antes das reformas fascistas eram pouco interessantes: longos e tediosos. Poucas imagens são apresentadas para ilustrar os intermináveis textos descritivos. Sob o ponto de vista formal os livros fascistas são de melhor qualidade gráfica. Apresentam mais gravuras do que textos, muitas das ilustrações são coloridas. Posuem os mapas, impressos com as cores necessárias para o entendimentos das legendas. Os livros didáticos fascistas são interessantes. Cada pequeno texto é acompanhado de exemplos e de gravuras adequadas ao tema abordado.

Os antigos livros são reimpressos inúmeras vezes e não trazem as datas em que foram impressos, nem os números das sucessivas edições. A máquina burocrática simplesmente repete velhos textos, sem qualquer preocupação com sua utilização. Com os livros fascistas não ocorre a mesma incúria, todos trazem a data e o local da impressão, apresentam-se ainda com constantes atualizações de conteúdos. Não é possível negar que a didática fascista é bem mais avançada do que a adotada pelos sociais democratas italianos.

O caráter de extensão das novas escolas italianas fica mais evidenciado nos novos livros fascistas, onde os temas são desenvolvidos de forma divertida e rápida. Os velhos livros didáticos apresentam várias áreas do conhecimento num só compêndio, matemática, geografia, história, leituras religiosas e ciências. Os novos livros aprofundam apenas um tema como a história antiga de Roma ou o das regiões geográficas italianas. Sob o aspecto quantitativo, deve-se observar que os livros anteriores ao fascismo são mais numerosos do que os do período fascista. Nos arquivos históricos regionais há centenas de livros anteriores a 1922, já o número posterior a esta data é muito reduzido. É possível que o menor número de livros do período fascista esteja ligado à destruição realizada pelos italianos na época da repressão do Estado Novo. Também é possível que seu menor número esteja ligado ao caráter do ensino destinado apenas aos jovens filhos de “italianos no exterior”, não tendo sido mantida a distribuição dos novos textos para as antigas escolas italianas das zonas rurais.

A clientela para a qual são dirigidos os antigos e os novos manuais didáticos, parece ser bem diferente. Enquanto os antigos manuais parecem ter sido impressos para o aluno italiano residente na Itália, os novos livros fascistas tem direções definidas. Na segunda página da obra “Quando II Mondo era Roma” (1932- Ano X), publicado pelo Instituto Geográfico de

Agostini, aparece a seguinte dedicatória: *Dedicado aos italianos que vivem no exterior e que diante dos estrangeiros devem sustentar o amor e a honra de serem herdeiros da antiga Roma.* Na mesma página, aparece indicada a propriedade da impressão: *“a reprodução do texto e das ilustrações são de exclusiva propriedade dos Fasci all’Estero.* Não parece haver dúvidas nem quanto aos destinatários da obra e nem a quem pertencem os direitos autorais. O fascismo sabe a quem dirige suas obras e qual mensagem que deve ser enviada. Os vínculos com a Itália são assegurados nas obras destinadas aos jovens “italianos no exterior”.

A vós todos jovens amigos que convidados pelo Duce, trocastes a Itália pelas colônias e os campos tropicais, ofereço este ano um livro que vos fala de nossa belíssima região . Não esquecei nunca, jovens amigos, que retornareis em breve do exterior, para vossa nobilíssima origem e sede fortes. Mereceis a generosidade do Duce permanecendo por toda vossa vida italianos fiéis.”²⁹

Aos colonos filhos de imigrantes perdidos nos confins da região colonial italiana do Rio Grande do Sul, não há possibilidade da volta para a Itália, como não houve para seus pais , mas para os pequenos italianos que acompanham seus pais na missão e propagar o fascismo, a volta parece assegurada. Estes são os “italianos no exterior”, os outros são apenas colonos pobres e brasileiros. Para estes, não há mensagem nem estímulo, apenas os conteúdos didáticos comuns, que servem para afastá-los ainda mais da terra na qual haviam nascido, o Brasil.

Outra diferença existente entre as novas escolas italianas e as antigas é em relação ao uniforme. Enquanto na zona rural os pequenos colonos vão à escola em seus trajes comuns de trabalho, nos núcleos urbanos os jovens que freqüentam as escolas fascistas devem vestir um uniforme diário e um dominical. O uniforme diário era constituído por camisas azul-claro, tanto para meninos quanto para meninas, com saias azul-marinho, para estas, e calças da mesma cor para aqueles. O símbolo usado na blusa das meninas era a pomba e na dos meninos era o de um avião. No domingo e nas festividades patrióticas os alunos usavam os trajes de “balillas”, trazidos da Itália.

Nem todas as crianças os uniformes fascistas italianos, todos deviam participar dos eventos uniformizados Muitos dos alunos usavam os uniformes de gala das escolas particulares que freqüentavam nas solenidades proporcionadas pelos “fasci”. O número de alunos que

²⁹ *La Regione d’Itália. Torino: d’Agostini, 1932 Anno X, p. 6*

freqüentavam as escolas de ordens religiosas são em número maior do que as das escolas dos *fasci*.

Ao que tudo indica as escolas de congregações religiosas foram as responsáveis pelo insucesso das escolas fascistas ,que organizadas de forma tardia, não ofereciam as mesmas condições do que as das congregações. As mais importantes escolas religiosas não tem sua origem na Itália. Eram mantidas pelos maristas, lassalistas, josefinas o que impediu que a propaganda fascista atingisse a maior parte do alunado regional . As escolas das irmãs de São José de origem francesa cultivam a língua francesa usando-a para as saudações e para a orações dos alunos.

A expansão do ensino público e privado na região frustra o avanço das novas escolas italianas, atrasadas no tempo , sem condições de realizar o trabalho a que se propunham: o de propagar o os feitos do fascismo e de manter viva a italianidade dos pequenos “italianos no exterior”. Se a proposta de trabalho tivesse sido feita por ocasião da imigração, no final do século XIX, bem outros teriam sido os resultados.

A falta de sucesso do empreendimento foi devida ainda a curta duração temporal da experiência, na região colonial. Tendo começado em 1934 de forma organizada e unificada, as novas escolas italianas são fechadas em 1938. Tanto o ensino como a extensão cultural promovidos pelo fascismo não tiveram tempo para colher os resultados esperados.

Quando o fascismo se preparava para “modernizar” o ensino, destinado a preparar as populações “coloniais italianas” para as necessidades do regime italiano, as condições para o funcionamento das escolas deixaram de existir. Em termos de ensino, pouco ou nada conseguiu realizar o fascismo na região colonial. As crianças que participaram das escolas e das reuniões fascistas são as testemunhas do fracasso.

Fascismo e educação

A vinda de *imigrantes tutelados* fez parte do projeto fascista para a ampliação da influência da Itália nas regiões povoadas por *oriundi* .O plano de ampliação da influência italiana sobre as regiões povoadas por imigrantes italianos não é nova. As autoridades diplomáticas italianas em visita as colônias no final do século XIX e início do Século XX insistiram na necessidade de ampliar os laços econômicos entre a pátria de origem e os italianos que vivem no Brasil.

A ação fascista tem como objetivo estimular tanto os laços econômicos como os da italianidade. As sociedades de mútuo socorro criadas pelos colonos há muito tinham esquecido o culto da pátria distante. Eram comemoradas algumas datas patrióticas como o Vinte de Setembro. A nova orientação diplomática aprofundou a ação pedagógica em relação a

italianidade. São realizadas festas e conferências fascistas. O nome de Mussolini é reverenciado e datas como a Marcha sobre Roma passam a ser destacadas na imprensa regional.

A educação na Itália sob o regime fascista havia sofrido profundas modificações. A reforma do ensino dá-se de forma discreta a partir de 1924, através da aplicação dos planos do Ministro da Educação Giovanni Gentile, que pretende tornar o ensino mais dinâmico. A proposta foi assim resumida por Mussolini *os professores são constrangidos a estudar a modernizar seus cérebros e não anquilozá-los na repetição de livros antigos. Os estudantes, devem estudar porque este é seu dever.*³⁰

Os planos educacionais de Gentile³¹ baseiam-se nos de Benedetto Croce, propostos pelo Gabinete Giolitti³² em 1921 e que não foram postos em prática. Gentile quando é escolhido como Ministro da Educação, retomou o projeto.

Nos fundamentos do projeto de educação estão os pressupostos empiristas, do fazer pelo fazer, da generalização e do estabelecimento de leis gerais através de eventos particulares. São apelos a indução e à ação. Gramsci fez inúmeras críticas a proposta de Gentile pois a *filosofia que não se enuncia através de fórmulas, mas se afirma na ação, isto é significativo e instrutivo, porque se a fórmula tem valor, é exatamente o americanismo que deve reivindicá-la.*³³ A “fórmula” gentiliana não é senão a máscara sofista da “filosofia” política mais conhecida pelo nome de “oportunismo” e “empirismo”³⁴ Gramsci resume a posição de Gentile como “liberal”, no sentido de ser o empirismo a ciência que justifica o domínio da técnica e da organização do capitalismo.

Mussolini já afirmara que o *empirismo é a ciência do liberalismo e o materialismo histórico, postura própria do comunismo.* Na verdade a reforma do ensino fascista é a negação da posição historicista e idealista proposta pela teoria fascista, e um desvio claro para a postura “capitalista” do ensino a ser ministrado aos jovens da Itália.

Sob o ponto de vista curricular consiste na redução das aulas teóricas, no aumento das aulas práticas, no corte em conteúdos “superados” (clássicos) e pelo acréscimo de uma educação física militar e de caráter claramente fascista. As milícias de crianças e jovens tem como fim treina-

³⁰ MUSSOLINI, Benito. L'inizio della nuova politica. II Milano: Hoepli, 1934. p.286

³¹ GIOVANNI GENTILE (1875-1944). Filósofo italiano, idealista, é a única personalidade cultural do fascismo. Em 1922 é Ministro da Instrução Pública, deixou seu nome ligado a reforma do ensino de 1923. In: Gramsci, Obras Escolhidas, p. 405.

³² GIOVANNI GIOLITTI (1842-1928). Dirigente da política italiana entre 1902 e 1917, e ainda em 1921, quando Benedetto Croce foi Ministro da Educação. In: Gramsci, p. 405.

³³ Idem p.401

³⁴ Idem p. 263

los para a luta. As mudanças de conteúdos na área de história e de língua italiana encaminham a juventude para os ideais fascistas ³⁵.

Em 1925 Mussolini apresentou de forma muito clara as posições do fascismo sobre a educação: O governo exige que a escola se inspire no ideário fascista, exige que a escola seja não digo hostil, nem estranha nem agnóstica ao fascismo, exige que toda escola em todos os graus e em todos os ensinamentos eduque a juventude italiana a compreender o fascismo e remover-se no fascismo e a viver no clima histórico criado pela revolução fascista. ³⁶

As palavras ditas diante dos professores italianos de todos os níveis, reunidos em Roma num congresso da categoria tem muita clareza sobre o sentido da reforma do ensino. Não há nada a esconder, trata-se de *fascistizar* a juventude e o ensino italianos.

Como conseqüência da “reforma” do ensino ocorre um deslocamento da formação profissional que se *faz por canais extra-escolares (organizações do “trabalho”), os diplomas perdem sua importância na mobilidade social, o papel atribuído à cultura esbate-se.* ³⁷

Os docentes antifascistas são destituídos de suas funções, a adesão da classe ao fascismo passa a ser a garantia de trabalho. Não é de estranhar, pois, que em 1931, os professores sejam obrigados a prestar juramento de fidelidade ao fascismo ³⁸. A universidade, que parecia ser o reduto mais difícil de ser conquistado pelo fascismo, submete-se sem maiores dificuldades ao controle do partido. Segundo Trento apenas treze professores universitários recusam-se a prestar juramento. Bobbio em sua autobiografia informa que Lionello Venturi e Pietro Martinetti foram um dos onze professores que se recusaram-se a prestar o juramento fascista entre 1200 intelectuais ³⁹. A adesão ao fascismo se dá pelo medo de perder o emprego, sendo ainda possibilidade única de consegui-lo.

O expurgo dos professores antifascistas garantia a ausência de focos de oposição no setor, da mesma forma que a profissão de

³⁵ TRENTO, Angelo. O Fascismo Italiano. São Paulo: Àtica, 1986, p. 48.

³⁶ MUSSOLINI, Benito. Scritti i discorsi. 1927. Milano: Hoelipi, 1934 p 218

³⁷ POULANTZAS, Nicos. Fascismo e Ditadura. São Paulo: Martins Fontesp. 373

³⁸ TRENTO, Angelo. O Fascismo Italiano. São Paulo: Àtica, 1986, p. 48

³⁹ BOBBIO, Norberto. Diário de um século. Autobiografia. Rio de Janeiro: Campus, 1998 p. 22

fé fascista, garante aos adeptos do regime o acesso aos cargos de professor e o próprio acesso do aluno à universidade”⁴⁰

A adesão ao fascismo se dá também pelo medo ao comunismo. Como relembra Bobbio minha família, como tantas outras famílias burguesas, saudou a Marcha sobre Roma como um acontecimento ditoso, mesmo porques de difundira a convicção de que o fascismo seria apenas fogo depalha. Era tido como útil para conter os que pretendiam fazer o mesmo que na Rússia.⁴¹

A reforma e o expurgo dos não fascistas do magistério foram acompanhados pela centralização das decisões sobre o setor e o agrupamento dos professores em órgão único, a corporação de ensino chamada de “Liga Nacional Socialista dos Professores”, que se torna responsável pela coordenação ideológica e política da categoria .

A adesão dos jovens ao fascismo e seu encaminhamento às milícias foi conseguida pela criação de organismos dirigidos pelo Partido Nacional Fascista, que “formam” a infância e a juventude italianas. As organizações são ligadas ao ONB (Opera Nazionale Fascista), criada em 1926, sendo após substituída pela GIL (Gioventù Italiana del Littorio). Ambas as instituições estavam diretamente ligadas ao Secretário Geral do Partido Nacional Fascista ..

A infância e a juventude encaminhadas desde cedo para a luta e para os ideais fascistas permitiram atingir o consenso em torno do fascismo e, mais do que isto, foram levadas “naturalmente” a compor as milícias fascistas. O controle e a vigilância do Partido no setor educacional trouxe uma adesão quase total dos jovens ao regime Dos 6 aos 14 anos as crianças são “balillas” ou pequenos italianos; dos 14 aos 18 tornam-se “avanguardistas” As meninas eram organizadas em “pequenas italianas” (dos 06 aos 14) e em “jovens italianas” dos 14 aos 18 anos⁴².

A adequação às organizações da infância e da juventude era total por parte das elites, que percebia a importância da participação dos filhos, como o caminho para o poder político. O mesmo não acontecia com operários e camponeses que nem sempre encaminhavam os filhos às organizações do regime .

O preparo para a guerra, e para a luta interna de combate aos comunistas, estavam presentes na educação fascista. Como observa Poulantzas, o nacional-socialismo pôs de lado a máscara do sistema deste aparelho proclamando clara e abertamente os seus objetivos supremos de

⁴⁰ TRENTIN, Silvio .Diecianni di fascismo.Roma:Riuniti,1975 p.88

⁴¹ Bobbio p. 9

⁴² TRENTIN p. 88).

doutrinação político-ideológica fascista” (...) ⁴³ O fascismo preparou desta forma seus futuros membros e forneceu a justificativa para a guerra. A força do regime foi revelada na desfaçatez da educação fascista.

O desvelamento do fascismo em relação a seus propósitos, negando os mitos da neutralidade do setor e da pretensa objetividade da ciência contribui para o recuo do sistema escolar na ordem de dominância dos aparelhos ideológicos. Ao que tudo indica o consenso seria ainda maior se houvesse algum pudor na abordagem da questão e na propaganda do regime.

O treinamento físico da juventude parece ter sido admirável as manifestações públicas revelavam a perfeita harmonia da cultura física conseguida pelos treinadores físicos do fascismo. A formação intelectual sob o controle do fascismo padecia porém do excesso de retórica e de transbordamentos ideológicos.

Considerações finais

O monopólio do saber e da educação fascistas extravazam da Itália para o exterior onde vivem os imigrantes italianos . Os encarregados da expansão do ensino e do saber fascistas são aqueles mesmos professores que juraram fidelidade ao regime. Eram eles aqueles que tinham as “credenciais” para repassar a propaganda do facismo para os pobres imigrantes que viviam na região colonial italiana no Brasil, agora elevados a categoria de “italianos no exterior”.

Afortunadamente o trabalho da educação fascista começou de forma tardia.Tendo início em 1934 o processo foi detido de forma abrupta em 1938, quando medidas restritivas do Estado Novo proibem a manutenção de escolas estrangeiras no Brasil.

A maioria absoluta dos *imigrantes tutelados* encarregados do ensino deixam a região colonial. Alguns voltam para a Itália outros mudam de região e de cidade. Uma debandada geral de fascistas antecedia pela queima de documentos marca o fim de um período histórico que poderia Ter sido o mais funesto da história regional.

⁴³ POULANTZAS p.371